

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT10.056

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL: “SUPERCOMPENSAÇÃO” E “CAMINHOS ALTERNATIVOS”

Fabiana Ferreira Pinheiro¹
Mariana dos Santos Albuquerque²
Isabel Matos Nunes³

RESUMO

O texto apresenta reflexões e conhecimentos acerca da aprendizagem do estudante público da educação especial, propõe ainda, destacar a teoria de Vigotski e suas contribuições para a área das ciências humanas, bem como, oferecer subsídios teóricos para a compreensão da relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, público da educação especial, tendo como referencial teórico a abordagem histórico-cultural, desenvolvida pelo autor estudado, apoiada no materialismo histórico-dialético, alicerçada em bases marxistas. Partindo de uma metodologia de estudo bibliográfico do referido autor e também de pesquisas e textos realizados por pesquisadores que debruçaram seus estudos na teoria Histórico-Cultural, as reflexões descritas nesse texto terão como premissa, compreender algumas das contribuições e reflexões de Vigotski para a Educação Especial presentes na obra Fundamentos da Defectologia – Tomo V, que abrange ensaios, palestras e prefácios, abordando em seus escritos proposições acerca do desenvolvimento em pessoas com deficiência. Busca-se elencar alguns de seus conceitos “supercompensação” e “caminhos alternativos” descritos em seus postulados, apontados como o percurso

1 Mestranda do Curso de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, fabiana.s.ferreira@edu.ufes.com;

2 Mestranda do Curso de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, mariana.santos2@edu.ufes.br;

3 Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, bel.nunes@edu.ufes.br;

para a superação das limitações da criança com necessidades educacionais especiais ou que apresenta deficiência.

Palavras-chave: Teoria histórico-cultural, Educação Especial, Supercompensação, Caminhos Alternativos.

INTRODUÇÃO

O presente texto está estruturado em três partes, no primeiro momento do texto, Vigotski e Teoria Histórico-Cultural, será apresentado um breve histórico sobre Vigotski esboçando em que contexto histórico, cultural e filosófico, nasceu a teoria histórico-cultural, apoiada no materialismo histórico dialético, alicerçada em bases marxistas, e suas principais contribuições quanto a compreensão de como ocorre o desenvolvimento humano. Destacando como seus conceitos e pressupostos contribuem para as vastas reflexões na compreensão do desenvolvimento do psiquismo humano e no processo de hominização.

Na segunda parte do texto, Implicações da Teoria Histórico-Cultural nos Espaços Escolares, traremos reflexões desse autor e seus impactos na compreensão do desenvolvimento humano no campo educacional, como as contribuições da teoria histórico-cultural podem e devem embasar as práticas para uma educação que promova o desenvolvimento de qualquer criança.

Se a educação é um fenômeno propriamente humano e a criança é, desde sempre um ser social, como é formada a singularização desse sujeito, se a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem na e pela cultura, ou seja, o desenvolvimento implica a imersão na cultura e na individualização, ambas percorridas pela mediação.

Buscando contribuir para o aprofundamento das discussões que vem se desenvolvendo na área da Educação Especial, particularmente em relação às contribuições da Teoria Histórico-Cultural para este campo, a terceira parte deste texto, Contribuições da Defectologia para Educação Especial, objetiva analisar de que forma suas proposições contribuem para a compreensão do desenvolvimento humano de pessoas com necessidades educacionais especiais.

Além disso, busca-se elencar alguns de seus conceitos “supercompensação” e “caminhos alternativos” descritos em seus postulados, apontados como o percurso para a superação das limitações da criança com necessidades especiais ou que apresenta deficiência.

VIGOTSKI E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Lev Semionovich Vigotski, nasceu na cidade de Orsha, no ano 1896 e morreu em 1934, uma morte prematura, antes mesmo de completar 38 anos de idade, levado por uma tuberculose. Apesar do pouco tempo de produção, as

suas obras trouxeram contribuições revolucionárias, principalmente para a explicação sobre como ocorre o desenvolvimento humano.

Vigotski teve uma formação multidisciplinar, guiado por diversos interesses e áreas de estudos, sua primeira formação foi em Direito, depois, interessado em compreender o funcionamento psicológico do homem, frequentou cursos de Medicina, além de Filosofia e História.

Papel importante que desenvolveu na Rússia e depois no mundo, embora não tenha publicado nenhuma das suas obras, sua produção intensa, e sua inquietação com uma questão pontual, que precisava de respostas para o campo da psicologia moveu os seus estudos, A teoria Histórico-Cultural nasce então, de uma inconformidade, ou melhor, nasce de uma tentativa de superação das explicações advindas de duas correntes filosóficas fortes da época. Descritas assim, por Rego (1995, p.28),

Existia de um lado um grupo que baseado em pressupostos de uma filosofia empirista, via a psicologia como ciência natural que devia se deter na descrição das formas exteriores de comportamento, entendidas como habilidades mecanicamente constituídas. Esse grupo limitava-se à análise dos processos mais elementares e ignorava os fenômenos complexos da atividade consciente, especificamente humana. Já de outro lado, o outro grupo, inspirado nos princípios da filosofia entendia a psicologia como ciência mental, acreditando que a vida psíquica humana não poderia ser objeto de estudo da ciência objetiva, já que era manifestação do espírito.

Essas teorias já não davam conta de explicar e compreender como o desenvolvimento do homem se diferencia dos animais, como ocorre o processo de hominização do homem. Foi justamente na tentativa de superar essa crise da psicologia que Vigotski juntamente com o seu grupo de pesquisadores, cujos principais colaboradores eram Leontiev e Luria, buscavam uma nova abordagem, que possibilitasse a junção entre essas duas abordagens predominantes naquele momento.

Ancorado em um momento histórico, político e cheio de rupturas sociais, filosóficas e culturais marcaram o endosso de suas produções, em um clima de grande idealismo e efervescência cultural nascem as novas tentativas de explicações do desenvolvimento humano, nasce então a nova psicologia.

Chamada então de Psicologia Histórico-Cultural, é pensada a partir da busca de compreender o desenvolvimento do psiquismo humano. É importante

considerar como aspecto fundamental nas ideias Vigotskiana, o entrelaçamento entre esses dois processos: o biológico e o cultural, “[...]um desenvolvimento imerso na história e na cultura, na natureza e na sociedade, na constituição recíproca entre o homem e o mundo[...]” (Andrade e Smolka,2012, p.700), assim, o homem se humaniza na relação com o outro e com o meio, por instrumentos e signos construídos por ele mesmo, ao longo do processo de hominização.

Como precursor dessa teoria, enfatiza a contribuição da cultura, da integração cultural e da dimensão histórica, entendida como teoria da atividade humana colocada em oposição ao naturalismo e a receptividade passiva da tradição empirista, o materialismo histórico dialético, desde o início da sua carreira. Vigotski (1991, p.10) via o pensamento marxista como uma valiosa fonte científica, como sugestivamente é destacado por Andrade e Smolka (2012).

A mudança, a dinâmica e a transformação na natureza, no homem, nas concepções e no conhecimento vão se tornando causas e efeitos, motivos e objetos das muitas mudanças no funcionamento do sujeito que, (con) vivendo, vai criando diferentes formas de agir no mundo e de mudar a si e ao outro. (Andrade e Smolka,2012, p.702).

Nessa nova psicologia as funções biológicas não são extintas com o surgimento das culturais, porém, adquirem uma nova forma de existência: elas são constituídas na história humana. Entender que o desenvolvimento humano é cultural e histórico, ou seja, revela o longo processo de formação humana que o homem opera na natureza e nele mesmo como parte dessa natureza. Veremos então como essa compreensão do homem enquanto ser histórico cultural pode contribuir para pensarmos no desenvolvimento a partir dos espaços escolares.

IMPLICAÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO CULTURAL NOS ESPAÇOS ESCOLARES

A criança nasce um ser social, sua singularização como pessoa, ocorre concomitante com sua aprendizagem como um membro da cultura, ou seja, o desenvolvimento ocorre na imersão da cultura e posteriormente no campo da individualização. Na sua lei geral de desenvolvimento, Vigotski explica a importância do coletivo na vida das crianças com ou sem deficiência.

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; pri-

meio, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos” (Vygotsky, 1991, p. 64)

Dessa forma, compreendemos que ninguém nasce com as funções psíquicas superiores. Elas não nascem, são formadas e constituídas e se desenvolvem a partir dos processos intrapsíquicos, das condições disponibilizadas a cada sujeito, a cada indivíduo particular, dependendo das condições de cada um, como explicita Rego (1995),

Vigotski se dedicou aos estudos das chamadas funções psicológicas superiores, que consistem no modo do funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação etc. Estes processos mentais são considerados sofisticados e “superiores”, porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente. (Rego, 1995, p.39).

Entende-se então, que todas as funções superiores se desenvolvem das relações entre indivíduos humanos, a base do processo de aprendizagem humana, se aplica igualmente a formação e o desenvolvimento de conceitos, isso implica dizer que na atividade escolar, nas tarefas, na ação, nos desafios, é que as atividades psíquicas superiores se realizam, pode-se então afirmar que o espaço escolar é privilegiado para o desenvolvimento das máximas possibilidades humanas.

O espaço escolar e seu contexto, são fundamentais para o desenvolvimento individual, pois permite que cada pessoa expresse suas capacidades e potencialidades, com o apoio do professor e do ambiente escolar. Toda prática educativa deve contemplar a diversidade e a cidadania, valorizando as diferentes formas de expressão e as diferentes culturas.

A Educação Inclusiva exige um olhar atento às diferenças, reconhecendo as potencialidades de cada aluno. O processo de construção do conhecimento é importante para o desenvolvimento do indivíduo, pois permite que ele supere suas limitações e descubra novas possibilidades.

O papel do professor neste contexto é de suma importância, como agente organizador das condições de aprendizagem de seus alunos, as atividades

mediadas pelo professor provocam uma série de transformações no aluno. Sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, pelos signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação.

CONTRIBUIÇÕES DA DEFECTOLOGIA PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL

As discussões do autor sobre a Defectologia não focalizavam o modelo vigente de paradigma da Educação Especial atual. Perpassado por sua realidade, atravessado em um lugar cheio de resquícios do pós-guerra, muitos estavam condenados pela deficiência, e ele se dedicou a estudar e analisar o comportamento desses indivíduos, e já nos indicava a importância de pensar em uma educação na perspectiva inclusiva.

Em seu livro Fundamentos de Defectologia- Tomo V, que integra as obras completas de vários escritos do referido autor, podemos encontrar muitas contribuições que reafirmam a importância do meio social para o desenvolvimento desses alunos, destacamos como primordial o acesso ao espaço escolar. Vigotski, trata do assunto em seus estudos e confirma que:

Apesar de todos os méritos, nossa escola especial se distingue pelo defeito fundamental de que ela limita seu educando (ao cego, ao surdo-mudo, e ao deficiente mental), em um estreito círculo do coletivo escolar; cria um mundo pequeno, separado e isolado, no que tudo está adaptado e acomodado ao defeito da criança, tudo fixa sua atenção na deficiência corporal e não incorpora a verdadeira vida. Nossa escola, em lugar de retirar a criança do mundo isolado, desenvolve geralmente na criança hábitos que o levam a um isolamento ainda maior e intensifica sua separação. Devido a estes defeitos não só se paralisa a educação geral da criança, senão que também sua aprendizagem especial às vezes se reduz a zero (VYGOTSKI, 1997, p. 41).

Entendemos então, que o autor já se posicionava contrário a uma educação que segregasse crianças com deficiência e práticas que tivesse a avaliação diagnóstica e o planejamento educacional pautados no que faltava ao indivíduo “[...]tudo o envolve o homem é humano, é social, é cultural com limites desconhecidos [...]”(Padilha,2000, p.199),assim, que o caminho a ser percorrido para garantir o desenvolvimento deveria ser o contrário, abrangendo as suas potencialidades, e respeitando ainda, suas peculiaridades.

O postulado central da defectologia é compreender que qualquer defeito origina estímulos para a formação da compensação. Sendo assim, o objeto de estudo para a defectologia não é a insuficiência por si mesma, mas a criança atingida pela insuficiência. Ressalta ainda em sua teoria, que o defeito por si só não decide o destino da personalidade, mas suas consequências sociais, sua realização sociopsicológica.

Vigotski (2022, p.101), traz proposições de grande relevância em seus escritos sobre a deficiência, abrindo possibilidades para um redimensionamento que apontam novas formas de olhar a diversidade e perceber a pessoa deficiente a fim de valorizá-la como pessoa, ministrando uma educação adequada a sua deficiência, garantindo possibilidades de “compensação” a deficiência.

A educação de crianças com diferentes defeitos deve basear-se no fato de que, simultaneamente ao defeito, estão dadas também as tendências psicológicas de orientação oposta; estão dadas as possibilidades de compensação para superar o defeito é de que precisamente essas possibilidades apresentam-se em primeiro plano no desenvolvimento da criança e devem ser incluídas no processo educacional como sua força motriz. Estruturar todo o processo educativo seguindo a linha das tendências naturais à supercompensação significa não atenuar as dificuldades que surgem do defeito, mas tensionar todas as forças para sua compensação, apresentar somente tarefas, e em ordem que respondam ao caráter gradual do processo de formação de toda a personalidade sob novo ponto de vista.

Para o autor, a “supercompensação” só é possível através da plasticidade neurológica, a compensação aplica-se da mesma maneira ao normal e ao complicado, e não está ligada somente a aspectos sensoriais, Vigotski (2022, p.93) “[...] a supercompensação não é um fenômeno raro ou exclusivo na vida do organismo[...]”, o contato direto a estímulos, mudanças de práticas sociais, educacionais e pedagógicas podem implicar diretamente no desenvolvimento do aluno público da educação especial.

Entende-se assim, que o maior desafio da educação especial em uma perspectiva inclusiva atual, vai além de romper com o paradigma de segregação. Vigotski (2022, p.55), “[...] a educação especial deve ser subordinada ao social, deve ser coordenada com o social, incorporada organicamente com o social [...]” precisa-se aprimorar a qualidade dos estímulos ofertados a esse público vinculado a educação especial.

A fim de garantir um percurso para a superação das limitações da criança com necessidades especiais, promovendo aprendizagem e desenvolvimento e deixando de focalizar nas limitações, “no defeito”, e principalmente superando os desafios de enxergá-las somente pela via orgânica e biológica e incluí-las no processo educacional como sua força motriz.

Ainda em seus estudos, apresenta os chamados caminhos alternativos, que são importantes para o desenvolvimento cultural e não se relacionam com determinada função biológica na qual o sujeito tem alguma deficiência. Os caminhos alternativos “[...] podem envolver recursos auxiliares, especiais, particulares, são caminhos explorados com o propósito de promover a interação social e a participação na cultura[...]” (Góes, 2002, p.106).

Portanto, é através da criação destes caminhos indiretos de desenvolvimento – quando não é possível o desenvolvimento pelo caminho habitual – que o desenvolvimento e aquisição de conceitos se estabelecerão. Assim, como as vias indiretas apontadas pelo autor,

E, por último, estão as vias indiretas do desenvolvimento, ou seja, o ganho ou o surgimento de algum novo ponto de desenvolvimento de alguma formação na via indireta. Aqui, tem uma enorme influência do afeto, que incita a criança ao vencimento das dificuldades. Se essas dificuldades não desanimam a criança, não a obrigam a escapar delas, mas ao contrário ativam-na, elas a conduzem a via indireta do desenvolvimento. (Vigotski, 2022, p.218).

Nesse sentido, é preciso garantir ao aluno com deficiência a participação de forma integral no meio social, cultural e histórico apresenta-se como base para o objeto de estudo necessário para discutirmos sobre a criança com deficiência e seu desenvolvimento.

Ao longo da história, crianças com deficiência dificilmente puderam ocupar efetivamente o lugar de aluno na escola regular. Sempre foi a elas dificultada a participação nas práticas escolares. Partindo-se da premissa da incapacidade a priori, o lugar reservado a crianças com deficiência era o das instituições especializadas, que tinham por função social prioritária o acolhimento, o cuidado, até mesmo de tutela.

Marcado historicamente por um espaço segregado, o qual priorizava as atividades de vida diária, por vezes até mesmo de trabalho e desenvolvimento manual, o que caracteriza a participação dessas crianças nas práticas sociais,

limitando por vezes, a produção de conhecimento e desenvolvimento característicos do processo de escolarização em prol de uma pedagogia menor.

Num olhar retrospectivo, observamos que o público da Educação Especial foi e é, na maioria das vezes, colocado à deriva dos processos sociais e educativos, historicamente e culturalmente é uma longa jornada de lutas sociais e implementação de políticas educacionais, com o compromisso de ultrapassar o paradigma da segregação, em prol da reafirmação de direitos fundamentais, como o acesso à educação pública.

A Declaração Mundial de Educação para Todos (Tailândia, 1990) e a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994) marcaram definitivamente os processos de inclusão e as discussões pertinentes à Educação Especial no Brasil. A Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008) abriu espaço, garantindo novas formas de inserção e participação das pessoas com deficiência no processo de escolarização. A lei, em sua função social, garante a matrícula do aluno e viabiliza a presença do público da educação especial na escola regular.

A escola é um espaço propício e de múltiplas relações, de produção de conhecimentos diversos, com potencial para ampliar a atuação da pessoa com deficiência na prática social mais ampla, o que implica em um espaço de formação humana que valorize as diferenças e as peculiaridades de cada indivíduo. Desse modo, as relações de ensino vivenciadas no meio escolar tornam-se força motriz do desenvolvimento humano.

É preciso pensar em um ensino que leva em conta a aprendizagem parte do princípio de que todos os alunos podem aprender; alguns podem necessitar de currículos acessíveis, fruto da existência infinita de perfis de aprendizagem. Pensando na aprendizagem e nas suas dificuldades podemos, sim, dialogar com os alunos que apresentam de necessidades educacionais especiais. Assim, o processo de aprendizagem deve ser entendido como sendo muito mais amplo ao envolver questões afetivas, orgânicas, cognitivas, motoras, sociais, econômicas, políticas e outras.

As reflexões apresentadas ao longo das explicações do autor sobre o desenvolvimento da criança com defeito, compilados principalmente no Tomo V das Obras Completas – Fundamentos de Defectologia, são um convite para reflexões e reformulações das práticas pedagógicas e sociais dispensadas às pessoas com deficiência, que fundamentam o desenvolvimento humano, o papel fundamental das interações sociais na constituição do sujeito, destacando

os processos sociais como mediadores da qualidade de seu desenvolvimento enquanto humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vigotski, ao formular a teoria Histórico-Cultural, afirma o desenvolvimento humano é constituído pela junção de aspectos naturais e sociais, a teoria histórico-cultural anuncia a questão de vital importância no processo de hominização: a fonte primária do desenvolvimento psíquico: a cultura.

O legado de Lev Vigotski, deixa claro que ele foi um estudioso além de seu tempo e com ideias que fundamentam as teorias atuais e continua a contribuir nas reflexões acerca da mediação e interação para a aprendizagem, nos espaços escolares. Dentre tantas contribuições, podemos destacar os Fundamentos da Defectologia, que serviram de base para discutirmos sobre a criança com deficiência e seu desenvolvimento.

Compreender seus principais pressupostos, é entender que precisamos romper com caminhos que privilegiam modelos educacionais excludentes, é traçar novos percursos em direção a uma sociedade afirmativa de relações que permitam a todos os indivíduos a máxima humanização por meio de apropriações dos bens materiais e intelectuais produzidos pela humanidade historicamente e culturalmente.

É a serviço desse direito de um sujeito que não se resume nas suas incapacidades, mas que é dotada de suas possibilidades que deve perpassar nosso entendimento e nossas práticas de educação especial em uma perspectiva de Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, J. J.; SMOLKA, A. L. B. Reflexões sobre Desenvolvimento Humano e Neuropsicologia na obra de Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 4, p. 699-709, out./dez. 2012. Maringá.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. MEC. SEESP. **Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Brasília, 2008.

GÔES, M. C. R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T.;

PADILHA, A. M. L. Práticas educativas: perspectivas que se abrem para a Educação Especial. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, jul. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a09v2171.pdf>. Acesso em: [data de acesso].

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REGO, T. C. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-116.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia**. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE); revisão da tradução por Guillermo Arias Beatón. 2. ed. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022.

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: COLE, M. et al. (Orgs.). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.